

O espírito da gota d'água.  
As videoinstalações de  
Fabrizio Plessi e a mídia terciária

---

NORVAL BAITELLO JUNIOR

Faculdade de Comunicação e Filosofia/PUC-SP

## Resumo

Em 1998 o artista italiano Fabrizio Plessi construiu uma série de videoinstalações em homenagem à cidade de São Paulo. As imagens videográficas apresentavam, entre outros elementos, uma correnteza de água, pedras e gotas de água caindo em uma superfície de água e labaredas de fogo, em seqüências de aparelhos de vídeo ou em telas de vídeo embutidas em blocos de pedra, em toras de madeira ou outros suportes. A água, o fogo, a pedra, a gota d'água reduzem-se a imagens e sons em um ambiente escuro e tomam-se, pelos recursos da videografia, apenas mídia da água, do fogo, da pedra, da gota d'água, elemento distanciador e gerador de estranhamento. A construção artística de Plessi trabalha com a mídia terciária, aquela que requer aparatos de emissão e recepção. Na mídia terciária, mídia elétrica por natureza, o objeto perde sua corporeidade, transformando-se em imagem.

## Palavras-chave

mídia, arte da mídia, videoinstalações, mídia terciária

## Résumé

En 1998 l'artiste italien Fabrizio Plessi a construit une série de vidéo-installations en hommage à la ville de São Paulo. Les images videographiques présentant entre autres un cours d'eau, des pierres et des gouttes qui tombent sur une surface d'eau et de flammèches, dans des séquences d'appareils de vidéo ou sur des toiles de vidéo encadrées dans des blocs de pierre, dans des futs de bois ou dans d'autres supports. L'eau, le feu, la pierre, la goutte d'eau se réduisent à des images et des sons dans une ambiance obscure et ne deviennent par le moyen de la vidéo que de la média de l'eau, du feu, de la pierre, de la goutte d'eau, élément qui opère une distance et crée une sensation qui favorise la surprise. La construction artistique de Plessi travaille avec la média tertiaire celle qui a besoin d'appareils d'émission et de réception. Dans la média tertiaire, média électrique par essence, l'objet perd sa corporalité pour se transformer en image.

## Mots clés

média, arts de la média, vidéo-installations, média tertiaire

## A memória líquida do planeta

**A** água é a memória líquida do planeta. Um planeta que, não obstante, não leva seu nome, não se chama “água”. Fundamento e origem da vida, a água nos afirma com insistência que somos água e à água retomaremos. Apesar da sua insistência, teimamos em nos crer apenas pó e aguardar nosso retomo ao pó. Como se estivessem dizendo e repetindo “sois água e à água tomareis”, as videoinstalações do artista italiano Fabrizio Plessi transformam a água em imagem videográfica da água. Com isto criam uma mediação entre o homem e seu elemento predominante, entre o homem e sua origem, tanto na filogênese de remotos nadadores unicelulares, quanto na ontogênese, recentes seres que se formam imersos em líquido amniótico. As videoinstalações criam uma mediação pela imagem. Entre a água e o homem, a imagem da água (isto equivale a dizer, entre o homem e sua natureza introduz-se a imagem desta natureza!). Assim, a imagem, como toda mediação, cria distância. E só a distância permite a aproximação, uma vez que a proximidade assusta, requer a atenção, a vigília, a prontidão, provoca sentimentos estranhadores, que afastam. A distância aproxima e a proximidade afasta. Assim fazem as videoinstalações de Plessi: criam distância para gerar a aproximação e quando estamos bem próximos é que nos vemos mais distantes. E tudo isso por meio da imagem, nada mais que a imagem.

## Imagem e Violência

A homenagem de Fabrizio Plessi a São Paulo, o seu *Deposito dell'arte*, apresentado na mostra 12.Videobrasil - Festival Internacional de Arte Eletrônica, em 1998, no Sesc Pompéia, trabalha com maestria não apenas o elemento água (tão recalcado, canalizado, escondido, violentado em São Paulo), nem tampouco apenas o mármore, a pedra e o cimento, minerais que fazem os músculos da cidade (e São Paulo pensa com o cimento, a pedra, pensa com os seus músculos, em sua onipotência tonitruante). Também não trabalha apenas o fogo, que dá o ferro, que molda a alma da cidade de músculos de pedra. Plessi, por meio de todas estas fontes, deixa fluir as imagens, as imagens cinéticas por meio (pelo *medium*) da videografia. É a imagem que interessa, não mais a água, a pedra, o fogo ou outro material qualquer. Em seu lugar, a imagem da pedra, da água em correnteza, do fogo em labaredas. Nada resume melhor a essência dessa cidade: a substituição de tudo pelas imagens. Em lugar do corpo, a imagem do corpo, em vez da água, a imagem dela, em lugar dos rios, córregos e riachos, a sua imagem, canalizada, retificada, despida de sensorialidade e de materialidade. A água-correnteza em vídeo (construída por uma fileira de monitores reproduzindo a idéia de uma correnteza) é uma água sem paisagem, como as águas que correm nas canalizações subterrâneas e nos esgotos. Em lugar da vida, a imagem da vida, em lugar do tempo, a imagem do tempo, em lugar do espaço, a imagem do espaço. Nada resume mais o espírito dessa cidade que a iconização de tudo, a substituição de toda materialidade pela imagem. A imagem se transforma em espírito de todas as coisas. José de Anchieta, Manoel da Nóbrega e o cacique Tibiriçá ao escolherem justamente Paulo de Tarso como inspirador desta cidade, ao chamá-la São Paulo de Piratininga, já intuía que aquela vila estava predestinada a seguir as palavras do apóstolo Paulo, "a letra mata, o espírito vivifica" O espírito é a imagem, a letra é o corpo. Transpondo São Paulo em São Paulo, o corpo mata, a imagem vivifica. O filósofo Dietmar Kamper fez entrever a destrutividade desta equação, afirmando, ao visitar a cidade de São Paulo, invertendo as

palavras de Paulo de Tarso “o espírito mata, a letra vivifica”(cf. BAITELLO Jr., 1997: 110).

Foi o mesmo Dietmar Kamper quem escreveu que “nada tem conseqüências mais sujas que o puro espírito” A imagem é a criatura mais acabada do “puro espírito” É também por isso que a imagem é a evocação da violência, porque é o instrumento da supressão dos corpos, assim como a violência é o instrumento da supressão da vida. Não podemos nos esquecer que alguns dos sentidos da palavra latina *imago, imaginis* são: “retrato (de uma pessoa morta)” “sombra de um morto” “fantasma” e “eco”

### A mídia terciária e a supressão da corporeidade

O artista Fabrizio Plessi elabora sua obra ciente de suas implicações. Professor na Escola Superior de Arte da Mídia em Köln, Alemanha, conhece o que significa o processo de mediação e sobretudo conhece a história da mídia. E demonstra aplicar, em sua obra, um conceito ampliado de “mídia” Compreender o fenômeno em sua amplitude é de fundamental importância para compreender a obra de Plessi. E quem, com sabedoria, melhor nos orienta neste cenário é o cientista político e da comunicação Harry Pross, que chama a atenção para a natureza da mídia primária, o corpo e suas linguagens, enquanto fundamento e princípio de toda mídia. Assim afirma Pross: “Toda comunicação humana começa na mídia primária, na qual os indivíduos se encontram cara a cara, corporalmente e imediatamente, e toda comunicação retorna para lá” (PROSS, 1972: 128).

O corpo, os gestos, seus sons, seus movimentos, seus odores e cores, sua postura e sua soltura, sua audição e sua visão, seu olfato e seu tato são portanto o início e o fim de todo processo comunicativo. Por isso constituem a mídia primária, aquela que não requer nenhum aparato para se comunicar, a não ser o próprio corpo.

A mídia secundária vale-se de apenas um aparato amplificador da emissão de mensagens, no espaço, para atingir um raio maior, ou no tempo, para alcançar maior durabilidade. Os corpos e suas linguagens naturais - a voz e o gesto -, equipados com um artifício

qualquer, amplificam-se e perduram mais tempo. Tornam-se mídia secundária. A voz mais a máscara; o corpo acrescido dos diferentes adereços, pinturas, vestimentas, enfeites; a visão quando se transfere para a pedra por meio de gravações; a fala quando vira escrita, e depois se torna livro, imprensa, fala sobre papel, como se fosse óleo sobre tela. Tudo isto é mídia secundária. O receptor é alcançado pelo emissor potencializado por um aparato. Já não há o imediato, o direto, o “cara-a-cara” Quando muito o “cara-a-máscara” Mas a grande mídia secundária é a escritura. A escritura introduz o grande universo da virtual idade, a presença de uma ausência ou a ausência de uma presença. Dilata os tempos do alcance de uma mensagem porque a conserva. Amplia seus espaços porque se deixa reproduzir e distribuir.

O advento da eletricidade permite o surgimento da mídia terciária, que requer não apenas um artifício amplificador da emissão mas também um aparato decodificador para a recepção. Desenvolve-se aí toda a mídia elétrica (e também aquela que se costuma chamar de eletrônica): telegrafia, telefonia, rádio, televisão, comunicação por ondas e cabos, computadores, internet e redes, satélites e fibras ópticas. Sem o aparato receptor a mensagem não chega. Sem a decodificação técnica, não se completa o vínculo. Assim resume Pross: “Mídia terciária são aqueles meios de comunicação que não podem funcionar sem aparelhos tanto do lado do emissor quanto do lado do receptor” (PROSS, 1972: 224).

Fabrizio Plessi cria uma instalação na qual há cálices pendurados no teto e grandes recipientes no solo, em cujo fundo há um monitor reproduzindo a queda de uma gota d’água. O cálice está vazio, a gota d’água não existe. No entanto, deixa-se ver e faz-se ouvir. Plessi não é apenas artista que joga ingenuamente com a mídia terciária. Sabe com exatidão o que esta mídia, com sua dupla mediação, provoca no receptor: a magia do movimento conservado, a repetição possível ao infinito, mas também a intangibilidade. A gota que cai, que se vê, que se ouve, mas que não tem corpo, que não molha. Como diz Plessi “dove una sola goccia caduta può ribaltare ed abolire ogni nostra logica precostituita” (“onde uma só gota caída pode fazer soçobrar e abolir toda nossa lógica preconstituída”). Da gota, apenas o espírito,

a imagem. Assim também com a correnteza, com o fogo e suas labaredas, com as pedras caindo na água, com a roda d'água, com o reflexo da pá, ou o reflexo tremulante do letreiro de néon refletido na superfície da água, anunciando: ART.

O espírito das coisas, por meio de sua própria imagem, projeta-se sobre elas próprias, suprimindo e apagando a sua materialidade e sua corporeidade. Parodiando o próprio Fabrizio Plessi, a roda da imagem e a roda da vida “se mordem a cauda em um extenuante líquido ardil” A roda da imagem e a roda da vida, em virtual simbiose, constroem a aparência de cândido, sereno convívio. Artes da virtualidade em um *Deposito deli 'arte*.

## Bibliografia

- BAITELLO JUNIOR, Norval. *O animal que parou os relógios*. São Paulo: Annablume, 1997.
- KAMPER, Dietmar. *Bildstörungen*. Im orbitdes imaginären. Stuttgart: Cantz, 1994.
- PROSS, Harry. *Medienforschung*. Film, funk, presse, fernsehem. Darmstadt: Carl Habel, 1972.